

Somente o canzarrão vigilante, lá fora no terreiro, soltava, de longe em longe, ladridos de alerta, como a gritar — quem vem lá? — aos animais notívagos.

## CAPÍTULO XIII

DOIS DIAS MAIS TARDE, Alípio, de cabeça e faces depiladas por um barbeiro vindo expressamente da cidade, vestindo um terno de flanela branca e tendo em volta da garganta um grande lenço de seda preta, pálido ainda e com um resto de sofrimento na ruga dúbia do sorriso, fazia sua exibição no alpendre, cercado do alvoroço carinhoso dos seus hospedeiros. A própria Florzinha lhe sorria com simpatia, achando um interesse novo na sua fisionomia, suavizada estranhamente pela enfermidade. A voz, roufenha de ordinário, tinha já, por vezes, uns lampejos da antiga sonoridade, um pouco enlanguescida agora e dobradamente cariciosa.

Toda a família, reunida ali numa grande roda, festejava a convalescença do enfermo e esperava o vigário e o Asclepiades, que tinham de chegar naquela tarde. O capitão Galdino punha em ação toda a sua grossa jovialidade, e chamava Alípio de fracalhão, de maricas, por se ter deixado derrotar com tão pouco. O Matias também viera tomar parte no alegrão e aceitara a intimação de jantar na fazenda, esquivando-se, porém, à tarefa de fazer um brinde, exigido pelo capitão, para “interpretar o acontecimento de que todos se achavam possuídos pelo restabelecimento do ilustre hóspede que...” E, formulando a sua incumbência, o dono da casa ditava o brinde inteiro, com seus lugares comuns, enfaticamente enunciados.

— Então. seu Matias, faz ou não faz o brinde? Olhe que, se fizer, provará de uma garrafa de vinho que o marinheiro do meu sogro trouxe de Portugal quando lá andou há trinta e tantos anos.

— Seu pai era marinheiro, D. Maroca? perguntou Alípio naturalmente.

D. Maroca embatucou um pouco com a pergunta, e respondeu com as orelhas em fogo:

— Era português.

— Mas era capitão de navio ou...?

Então foi uma grande risadaria. Alípio tomara ao pé da letra a palavra marinheiro, com que ainda se designa no Ceará o português, mas num sentido um tanto deprimente. E o capitão Galdino contou como em outros tempos o seu avô saía à rua no dia 7 de setembro,

religiosamente todos os anos, armado de vara, para surrar quanto “marinheiro” encontrasse.<sup>22</sup>

— E veja que degeneração, concluía: eu vim casar com a filha de um marinheiro!

Alípio desculpou-se do seu desazo perante D. Maroca, que não gostava nada dessas brincadeiras com seu progenitor.

— E os homens nada, senhor! disse o capitão, alongando um olhar pelo pátio. Fôssemos nós esperá-los para o almoço!

— Uma e um quarto, disse Alípio puxando o relógio do bolso do peito.

— Já! exclamou D. Maroca. Vou cuidar do café.

Cazuza, Matias e Luizinha tinham formado uma rodinha à parte, com um tema de palestra independente da conversação geral: estava com a palavra o Matias a descrever uma excursão que fizera às furnas do Croatá, onde havia restos de ossadas e de utensílios de índios. Luizinha, muito interessada, pedia pormenores, e o narrador contava como entrara nas furnas quase de rojo e se vira depois em completa escuridão; então acendera uma vela que levava no bolso e seguira curvado por um corredor tortuoso até chegar a uma como imensa sala onde havia morcegos em quantidade. Junto às paredes encontrara pedaços de ossos, fragmentos de vasos de barro e outros objetos. Numa superfície lisa de pedra descobrira uma inscrição feita a ponta de ferro. Naturalmente, obra dos holandeses. Estava preparando uma descrição para mandar a um jornal da Fortaleza.

Florzinha teve que filiar-se à outra parte da companhia, presidida por Alípio, que parecia só falar para ela, com os olhos ávidos de luz, pregados no seu rostinho claro que era como a condensação mágica do calor, do perfume e do esplendor risonho das coisas, vistas e sentidas em todo o seu encanto inédito e profundo pelos seus apurados sentidos de convalescente. Numa ocasião Alípio voltou-se para o pátio, cujas árvores, borrifadas pelo chuvisco ligeiro que pela manhã caíra, bracejavam amorosamente ao vento, como se comentassem com expressivos gestos a grata frescura e a aveludada rumorosidade daquele dia de maio; e a inefável sensação recebida externou-a ele nesta exclamação proferida com os olhos fitos intencionalmente talvez no rosto de Florzinha:

— Que lindo, Deus do céu!

— O quê? galhofou o capitão: o campo ou o rosto de Flor?

— Meu tio!... balbuciou a moça enrubescendo.

— Ambos... respondeu o rapaz, sorrindo da finura do matuto.

---

<sup>22</sup> A expressão, ainda em voga, ao tempo do romance, está hoje inteiramente em desuso.

Florzinha, afogueada e trêmula, apenas pôde murmurar um — ora! inexpressivo.

Uma exclamação de Luizinha pôs termo ao embaraço da prima.

— Lá vem a gente! disse ela apontando para a entrada do pátio.

— Mas vejo uma pessoa só, disse o capitão Galdino, pondo a mão em pala sobre os olhos.

— E é papai, acrescentou Florzinha disfarçando.

— Ora, vamos ver que novidades traz esse homem. Se tiver esquecido os jornais, como da outra vez, nem consinto que ele ponha o pé no terreiro da minha fazenda, sentenciou o capitão, para quem os jornais eram o vício mais exigente, depois do seu cachimbo.

Asclepiades vinha moído da caminhada e curtido pela soalheira, mas ainda assim teve uma calorosa frase de regozijo pelo magnífico estado do promotor. O vigário só podia vir daí a dois dias; o Chico Herculano mandara desculpar-se, muito preocupado que andava com as questões políticas, que não estavam lá muito bonitas; o Casimiro vinha; mas à última hora faltara-lhe cavalo: viria com o vigário, e com eles o tal cavalariano de Pernambuco.

— Juntou-se a vontade com o desejo, disse o capitão; eu pretendia mesmo falar com esse sujeito.

— E agora, senhora minha sobrinha, uma rede, que estou caindo de fadiga.

— Primeiro vamos ao café, que está na mesa, disse D. Maroca, vindo falar com o irmão. Como vão a Claudina e os meninos?

— Tudo bom, tudo bom.

Entraram todos. Alípio fazia naquele dia a sua primeira entrada na sala de jantar, e de braço com Florzinha, porque o capitão exigiu que os cavalheiros conduzissem as senhoras para a mesa; Matias deu o braço a Luizinha, que sorria, muito vermelha; o dono da casa ia com a mulher e caçoava do Asclepiades, que marchava atrás, sozinho. No espírito de Florzinha arraigava-se cada vez mais a certeza de que Matias e a prima se gostavam, e, por uma sugestão imperiosa e estranhamente incômoda do seu amor próprio, ela se sentia na necessidade de procurar na intimidade de Alípio uma compensação para a perda desse afeto, que lhe fugia.

E Asclepiades, vendo as coisas de fora, achava tudo muito bom e já se reconciliava com Matias, conversando amigavelmente com ele durante uns quinze minutos. Mais tarde, ficando um momento só no alpendre com Luizinha, ele interpelou-a sobre a incumbência de que a encarregara junto a Florzinha.

— Ainda não tive coragem de falar-lhe, mas, ao que parece. . .

— Sim, já agora espero que o gajo não saia daqui sem fazer o peditório. E tu como que estás caída pelo Matias. . .

A moça teve um sorriso de confissão.

— Pois então vamos fazer uma só festa dos dois casórios.

— Ora, meu tio, não vá tão longe... Inda pode acontecer tanta coisa!

— Mas tu queres ou não queres?

— Se ele quiser...

— Há de querer! E acho que é ele quem faz melhor negócio, deixa que te diga, sem querer desfazer no rapaz, que pode ter muito futuro, se quiser trabalhar; inteligência não lhe falta.

À noite, no quarto, Luizinha animou-se por fim a sondar a prima, e esta, fitando-a dentro dos olhos, respondeu com um suspiro mal contido:

— Se ele quiser...

Mas ainda se passaram oito dias sem que entre Alípio e Florzinha a situação se modificasse muito. Depois de alguns momentos de condescendência, a moça se sentia possuída da sua antiga esquivança, e só se encontrava com o hóspede na ocasião das refeições. Entre Matias e Luizinha, ao contrário, o namoro se delineava claramente, e a lembrança de seu antigo afeto a Florzinha começava a tomar na alma do rapaz o feitio apagado e disforme de um sonho distante e que já começava a parecer absurdo. E assim essa paixão, nunca traduzida por uma palavra, existindo embora latente nessas duas almas, ia morrer, agonizava já dentro do berço a que faltou o calor fecundo e ativo da coragem animal do homem: tivesse-a Matias e encontraria em Florzinha a força passiva que recebe, concentra e assimila essa coragem em prodígios de resistência contra os obstáculos opostos pelas vontades estranhas. Morria a larva no casulo; mas Florzinha pensava naquele momento que em toda a sua vida havia de sentir o corpo estranho daquele esquifezinho a pesar-lhe dolorosamente num ponto do coração. Enganava-se talvez...

Quanto ao Matias, havia no fundo do seu desencanto, já preenchido por um encanto menos profundo, porém mais calmo, e por isso mesmo mais compatível com a sua indolência e fraqueza moral, uma como satisfação de ter chegado a um porto que não era o desejado primitivamente, mas afinal um porto onde estava ao abrigo das tempestades. Luizinha era em tudo uma sócia imperfeita da outra, mas ele se contentava com possuí-la, como um amador que, sem recursos para adquirir uma tela famosa, se contenta com a cópia.

Só Luizinha experimentava, amplamente, sem um travo, o gozo de amar, o enlevo de se sentir amada sob a égide da benevolência paterna. O próprio Asclepiades estava disposto a proclamar excelente, quando consultado, a união que não quisera para a filha.

Ia rápida a convalescença de Alípio. O tio viera vê-lo um dia pela manhã, mas voltara à tarde, tendo trocado antes algumas palavras confidenciais com Asclepiades, que lhe transmitira a frase dita por Florzinha à prima.

— Falta apenas que o rapaz desembuche, dissera ele.

— Há de desembuchar, respondera o vigário; voltarei nestes dias para pôr tudo em pratos limpos.

A doença, as sugestões do meio material, o ambiente de afetos que o cercava, a convivência íntima com Florzinha, cujos predicados morais e dotes físicos podia admirar de perto com as predisposições idílicas em que estava, tudo concorria para fazer do antigo mundano um poeta real, sentindo agora sem versejar, quando antes, ao contrário, versejava sem sentir. A poesia transferira-se-lhe do cérebro para o coração, e a pugna da vida, o choque das ambições lhe pareciam agora coisas penosas e ásperas como as peripécias de uma viagem perigosa encarada do remanso pacato do lar. A arma em que mais confiara era a sua palavra prestante e vencedora; mas bem estava vendo como tal arma poderia ser inutilizada pela traiçoeira enfermidade que o acometia tão temerosamente. Tinha medo, e com o medo lhe viera a indolência e o gosto pela quietação, o amor da natureza, o encanto da rusticidade. Bem via que aquilo não podia durar muito, que com a posse completa da saúde a sua situação iria tomar outro aspecto, teria que ir-se embora, não para Ipuçaba, para as grandes cidades, onde se pelejam as grandes campanhas pela fortuna, pelo renome, pelos gozos da alta vida para a qual se sentia natural, fatalmente impellido, como uma ave para as alturas. E ainda uma vez adaptava mentalmente à sua pessoa os versos do poeta:

Talhado para as grandezas,  
Pra crescer, criar, subir...

Mas podia crescer, criar, subir, levando à ilharga essa criaturinha formosa e deseável, que entretanto lhe seria uma cruz em vez de asas? Pois havia de marchar para a luta com o trambolho de uma mulher que não lhe trazia dinheiro e que teria de educar para participar dignamente da posição que pretendia conquistar na sociedade? E se viessem filhos... Não, era até insânia perder tempo com semelhantes tolices. Ora, pusesse ele o pé para além do pátio da fazenda, e havia de rir-se dessas ingenuidades...

Mas, depois dessas lucubrações a que se entregava à noite antes de adormecer, vinham na manhã seguinte o rostozinho fresco e os olhos de Florzinha impeli-lo de novo para a região do sonho ingênuo e romanesco de uma felicidade límpida e imutável, como o riachinho que fora contemplar naquela manhã, em companhia de toda a fa-

mília, dando assim o seu primeiro passeio ao ar livre, através das moitas recedentes dos bamburrais que assoberbavam o caminho caracolante, numa expansão de seiva primaveril. Um ramo seco fisgara o vestido de Florzinha, repuxara-o mostrando-lhe um palmo de perna admirável. . . A sua carne, sopitada até então, acordara de repente nesse instante, e a sensualidade ajuntou uma nova força ao encantamento, dentro de cuja atmosfera inebriante se desdobrava a sua convalescença.

Numa tarde, após o jantar, saíra ele com o Matias, que vinha agora quase diariamente à Varjota, “à cata de sonetos”, até a beira do rio, um pouco acima do vau fronteiro à fazenda, num ponto onde a água formava uma bela queda, precipitada, numa toalha espúmea, de uma barragem de rochas. O caminho cortava um pequeno campo de panasco ondeante que se acamava ou se arrepiava ao vento como uma pelúcia que se cofia ou se arvesa conforme o sentido em que corre a mão; e, aqui e ali, emoldurado no panasco, um cerro em miniatura, às vezes uma só pedra abrolhava, isolada e negra, incrustada de cardos contumazes, flanqueada de macambiras altas, de folhas largas e agudas como espadas.

O trilho não permitia aos dois rapazes marchar lado a lado. Alípio ia na frente, voltando-se de quando em quando para comunicar uma impressão ao companheiro, parando para indicar-lhe um descortino pitoresco de montanha ao longe, para observar uma árvore, seca literalmente, coberta de pombas, que lhe constituíam como uma copa singular de folhas escuras e fremitosas.

— Escuta: já se ouve o escachoar da cascata.

— Não há em toda a natureza um ruído tão agradável como o d’água corrente.

— A não ser o farfalhar de uma saia de seda. . .

— Ora, isso já não é dos domínios da natureza.

— Tudo está dentro da natureza.

— Bem, mas tu falas agora da natureza modificada pela civilização. Falo do primitivo reino de Pã, cujas vassalãs não usavam saias de seda, que me conste.

— Nem também de chita, como usam as tuas sertanejas. A cobrir a carne, cubram-na com uma coisa condigna dessa *argile idéale* de que fala papai Hugo. Sou dos extremos: ou o paganismo ou a civilização requintada, o mundanismo aristocrático. . .

— E esses extremos tocam-se, como todos os outros, a crer nos historiadores da alta sociedade.

— Sim, tocam-se: a besta bem vestida é, em substância, a mesma besta nua; mas o que o *chic* põe de encantos na brutalidade da posse!

— Palavra como te supunha mais conquistado pela rusticidade sertaneja.

— Isto é o meio termo, filho, e o meio termo é odioso. Aqui vive-se só de sentimento, e um organismo iniciado nos mistérios da civilização habitua-se a viver quase exclusivamente de sensações. Com a tua educação sertaneja tu aprecias uma iguaria pelo sabor que ela tem intrinsecamente; eu, porém, exijo que ela me seja apresentada com um feitiço artístico e sobre um prato de porcelana. Imaginas o que seria de Florzinha com um vestido de seda decotado, coberta de jóias, num salão resplandecente, embalsamado, impregnado de música, de distinção e de graça? Talvez não a reconhecesses.

Matias não respondeu, surdamente pungido por essa alusão à mulher que amava tão profundamente.

— Mas, em todo o caso, a beleza é sempre soberana, e nunca na alta sociedade encontrei uma criaturinha tão encantadora, acrescentou Alípio, deixando-se possuir pelo enlevamento de que Florzinha o ia envolvendo cada vez mais densamente, sem, aliás, nada mais fazer para isso do que existir, do que exalar passivamente o *odor di femina*, a cuja influência ele se abandonara pouco a pouco, a caminho da embriaguez da paixão. E, como um comentário ao próprio estado, Alípio interpelou o amigo:

— E tu estás caidinho pela Luizinha, hein?

Matias estimou o derivativo, e respondeu negaceando:

— Sei lá... Por hora não há nada... Eu ainda não lhe disse coisa alguma.

— Estás esperando talvez que ela te diga! Bem vêes que ela quer, e os velhos aprovam. Se queres também, podes bater o ferro, que está no ponto: não malharás em ferro frio, garanto.

— Já te disseram alguma coisa? inquiriu Matias, ardendo por uma confidência.

— Positivamente, não; mas se queres que eu sonde a menina ou os velhos...

— Não... é cedo... agora não posso pensar nestas coisas... ainda não tomei pé na vida... Salvo se for em conversa... como coisa tua...

— Já sei o que queres; vais ver que não é sem motivo que aspiro à diplomacia.

Os dois rapazes penetraram enfim na vereda ascendente, cupulada de ramos, que conduzia à borda da cascata. Lá ficaram até o escurecer, a trocar impressões, sentados sobre uma rocha, a cujo sopé a água efervescente e rumorosa corria eternamente com os mesmos folhos trepidantes, como se um corpo em fúria de amor palpitasse insaciado por baixo daquela túnica translúcida.

De volta, encontraram toda a família, que saíra ao encontro deles, a passear pelo pátio, todo fulgurante de uma póstuma claridade solar, que projetava em todas as superfícies fronteiras uma ardente coloração de incêndio. Os morcegos surpreendidos doidejavam no espaço e mergulhavam no estendal das frondes em busca da escuridão foragida. Florzinha, de branco, rutilava naquele fundo incandescente como uma estátua de ouro; e naquele instante Alípio sentiu que, com o seu vestido de cambraia e ao clarão daquele pôr de sol fantástico, ela era mais formosa que se estivesse coberta de seda num salão flamejante de luz. E não se conteve que não se aproximasse dela para exprimir-lhe a sua admiração numa meia voz comovida:

— A senhora está divinamente formosa!

Florzinha sentiu-se vibrar à sinceridade da apóstrofe, e, quase sem saber o que dizia, respondeu sorrindo, malgrado seu:

— Não sou eu, doutor, é a tarde.

Lado a lado com as duas moças voltaram os dois rapazes à casa, distanciados dos velhos, que os seguiam com um sorriso de condescendência maliciosa. O Cazuzo, que se deixara ficar para fiscalizar o recolhimento do gado, deitou um olhar frio e duro ao par da frente, e sumiu-se rapidamente para o interior do curral. E nessa noite, como notassem novamente a sua ausência na roda do alpendre, informou um fâmulos que ele saíra a cavalo para uma fazendola próxima, de propriedade do pai.

— É incansável esse rapaz! observou Alípio; há quantas noites ele não fica conosco!

— O doutor pensa que ele anda só a serviços? Pretexto para maganagem...

D. Maroca não disse nada, apenas esmagou com o polegar, disfarçadamente, uma lágrima, que ninguém notou na meia luz projetada para o alpendre pelo candeeiro da sala. Matias ficara para dormir, e a palestra não teve nessa noite aqueles hiatos com que a saciedade da convivência costuma suplicar os membros de uma mesma comunidade doméstica; foi num desses momentos de mútuo enfaçamento que o homem da cidade concebeu o clube e a mulher inventou o croché. Depois da ceia, a sociedade não voltou mais ao alpendre e deixou-se ficar em torno da antiga mesa ladeada de dois enormes bancos quase tão inamovíveis como o antigo senador do Império, a quem pertencera primitivamente a Varjota, cujo nome tomara para o seu título de barão. O capitão Galdino fazia justamente naquela noite a biografia desse titular, político de imenso prestígio, grande fazendeiro e senhor de escravos, chefe da numerosa e poderosa família dos Barros.



— Pois era daqui, meu caro, que o barão da Varjota, de volta da Corte, dava as cartas a toda a política da antiga província. Já o pai dele fora figura importantíssima nos sucessos da Independência, nos movimentos patrióticos de 24. . . A casa, salvo algumas dependências novas, é a mesma do primeiro Barros: lá está a data 1796 na antiga capela, onde é hoje o quarto destas meninas.

— Dignas substitutas das santas, disse Alípio galanteando.

— Hum! hum! fez o capitão abalando a cabeça: não sei se as santas estarão muito satisfeitas com a substituição. . .

Matias foi surpreendido em flagrante delito de bocejo, e isso foi o sinal de debandar. Asclepiades ao deitar-se nessa noite ficara plenamente convencido de que suas esperanças seriam em breve uma consoladora realidade: “Pois que a menina está pelos autos, já ele não sairá daqui sem pedi-la.” E não pôde deixar de concluir, persignando-se para dormir: “Abençoada moléstia!”

Entretanto as disposições de Alípio não eram naquela noite ainda tão definitivas como supunha Asclepiades, e foi um incidente ocorrido dias depois que precipitou os acontecimentos.

Pela manhã estava Alípio à porteira do curral, como de costume, a tomar o seu fartão de leite, quando um grande bando de jacus passou lento, gritando à pequena altura.

— Vão para os mofumbos do riacho, disse o Cazuzu, acompanhando-os com o olhar.

— E eu vou gastar uns cartuchos com eles, acrescentou Alípio, alvoroçado com a perspectiva de uma bela caçada através das matas perfumadas, a que a manhã fresca e velada dava uma doçura infinita.

— Contamos com os jacus para o almoço, disse o capitão Galdino.

— Pode pôr a panela no fogo, caso os jacus não tenham levantado acampamento.

— Não é preciso; havemos de comê-los assados neste espeto, retorquiu o capitão, apresentando o dedo indicador.

— Ah! o capitão pensa que não sei atirar? Hei de fazê-lo retratar-se da brincadeira.

— Bom, veremos.

Pouco depois Alípio preparava a espingarda e saía para os fundos da fazenda. Nenhuma das mulheres havia aparecido e o próprio Asclepiades, que tivera um acesso de asma à noite, estava recolhido ainda. Eram sete horas, mas o sol permanecia invisível por trás de grandes nuvens com feitio de rochas, por entre cujas frinchas se coava contudo uma claridade viva e tépida. Alípio se deleitava daquela soledade alegre que dava aos pensamentos uma turbulência amaviosa como a desses pássaros que esvoaçavam de moita em moita, bisbilhotando talvez sobre a aparição do passeador matutino.

Mas, certo, eles não tinham compreensão alguma dos desígnios de um caçador, porque seus pios eram antes de assustada garridice que de hostilidade ou temor.

Também o caçador conservava magnanimamente a sua espingarda a tiracolo, reservando-a para esses jacus que a fatalidade fizera passar pelo pátio da fazenda uma hora antes. Não tardou que Alípio os encontrasse a fazer sua refeição matinal, e três caíram fulminados em pleno festim, passando de comedores a comida, na transição instantânea da vida para a morte. O herói, possuído do furor da exterminação, ainda perseguiu por algum espaço os sobreviventes, mas nenhum deles se prestou mais a aumentar a sua glória.

Ele carregado com o despojo, em meio da aclamação dos outros pássaros que por aquele dia resolvera poupar, lá vinha Alípio, radiante, pensando na ovação que lhe seria feita pelos habitantes da Varjota. Já ia transpor o riacho quando ouviu uma risada clara subir cristalinamente do caminho, à pequena distância. A palhoça, construída para banheiro sobre o riacho, estava ali ao pé, toda afogada do lado oposto à entrada, no marmeleiral oloroso e folhudo. Instintivamente o rapaz recuou e escondeu-se no mato para não ser visto pelas moças ali ao pé do banheiro, e ia dar uma volta por uma vereda, contando transpor o riacho um pouco acima, quando uma nova risada mais próxima o conteve, e de uma curva do caminho ele viu surgir Luizinha a correr, cabelo ao vento, saias esvoaçantes, a agitar a toalha de banho para a prima, que seguia de perto. Então Luizinha, de cansada, deixou-se cair na relva, e a outra imitou-a, ambas ofegantes, afoguedadas da corrida, e ali ficaram a conversar, para “esfriar o corpo”.

Alípio já não pensava na sua manobra de retirada, porque uma tentação indomável se apossara dele, fazendo-o tremer nervosamente da cabeça aos pés, com um latejar vertiginoso das têmperas. Aproveitando o momento em que as duas moças se entretinham numa conversa que apenas lhe chegava aos ouvidos como um rumor indistinto, ele esgueirou-se por entre o marmeleiral, alcançou o fundo da palhoça, acocorou-se, e logo seus olhos puderam, através de uma frincha do tapume, tão propícia como se houvesse sido praticada propositalmente, devassar todo o interior. E ali ficou tremente, palpitante, voltando-se ao zumbir de um besouro, ao ruflar de uma asa, arrependendo-se por momentos de seu procedimento, mas incapaz de vencer a tentação. Houve um instante em que esteve a ceder a um repelão mais forte da consciência; porém era talvez tarde para mover-se sem ser pressentido... As vozes se aproximavam, e as moças entraram, fecharam a porta, enfiando a alça de relho num gancho da estaca que servia de portal. Elas ainda estiveram algum

tempo como indecisas, relanceando os olhos pelo recinto, e isso parecia uma suspeita a Alípio, que tirou os olhos da frincha, encolheu-se todo, enquanto o coração lhe batia desordenadamente no peito e os olhos se lhe escureciam a uma ameaça de vertigem. Mas a crise passou, seus olhos se assestaram de novo. Simultaneamente as banhistas tiraram os casacos, puseram-nos sobre uma corda estendida de uma parede à outra; desacolchetearam as saias de chita, que lhes escorregaram lentamente pelos quadris; caíram depois as saias brancas, e a parte inferior do corpo ficou somente coberta das camisas ralas e curtas, que cobriam, sem encobrir, do meio da perna para cima; para baixo era a nudez completa, pois elas tinham ido sem meias. Por fim as mãos começaram a desabotoar o corpinho, e os seios alvorejaram através da renda das camisas.

Alípio, na ânsia febril de ver, via pouco porque lhe passavam sombras diante dos olhos e atrapalhava-se em contemplar as duas ao mesmo tempo. Resolveu, pois, olhar somente Florzinha, mas esta se acorara à borda do riacho sem tirar a camisa, ao passo que a outra despia resolutamente a sua e ficava de pé, a consertar o cabelo, inteiramente nua, numa impudência pagã de ninfa, saltando por fim n'água numa cambalhota de peixe que se diverte. Florzinha, friorenta e pudica, permanecia sobre a ribanceira; mas a prima, enchendo as mãos d'água, ameaçou encharcá-la. Então, curvada como estava, ela tirou a camisa, ergueu-se um pouco, tomou impulso, oscilou um segundo no ar e caiu de cabeça para baixo, enfiando-se n'água escura como uma seta de prata.

Tudo foi tão rápido que, por trás do tapume, Alípio com uma sensação de deslumbramento já mal sabia o que vira, tendo entretanto consciência de haver contemplado perfeições nunca vistas em todas as nudezas oferecidas a seus olhos. A água apenas chegava um pouco acima da cintura; mas Florzinha se conservava encolhida, mergulhada até o pescoço, enquanto a companheira ora se pompeava ereta, ora boiava à tona de costas e de bruços, dava rabanadas que lhe exibiam o corpo inteiro, mergulhava espetando para o ar as pernas morenas e grossas, fazia enfim todas as evoluções peculiares às crianças sertanejas nesses banhos ao ar livre.

O sentido da visão em Alípio começava a habituar-se ao espetáculo, e a sua perturbação se acalmava pouco a pouco; então ele quis ouvir: era ocasião de surpreender que conversas teriam duas moças em pleno alvorecer da carne, assim despidas, convencidas de não serem ouvidas por ninguém. Mas a sua malícia sofreu uma desilusão: as palavras delas eram tão inocentes como os gestos, e nem o nome dele nem o de Matias foi, contra a sua expectativa, pronunciado.

Luizinha saiu d'água com a mesma desenvoltura com que entrara, e, depois de um pouco rogada, atirou à prima o lençol em que esta se envolveu, para sair também. Ao vestir-se teve ela contudo certos desazos que permitiram ao sátiro oculto completar o conhecimento de sua plástica inteira. As roupas foram enfiadas peça por peça, e dentro em pouco as duas náiades de um momento desapareciam sob as vestimentas. O animal se ocultava nas roupas solicitadas primeiro pelo conforto e perpetuadas depois pelo pudor: de fora ficaram apenas as partes espirituais do corpo — o rosto que sorri, chora, exprime a cólera ou o medo, e as mãos que atraem, repelem, acariciam ou flagelam.

Quando as julgou a uma boa distância, Alípio ergueu-se enervado, extenuado da prolongada tensão nervosa, agravada pelo aroma excitante dos marmeleiros, relanceou um olhar para o caminho a ver se não viria alguém, e, sopesando com esforço, já sem nenhum entusiasmo venatório, os três jacus exânimes, sangrentos, repulsivamente frios, tomou por uma vereda paralela ao riacho que contava transpor mais acima para não voltar à casa pelos fundos, como tinha vindo. Dera apenas alguns passos quando um inesperado encontro tê-lo vibrar todo a um estremeção, logo contido.

O Neco, um molecote da fazenda, estava sentado ao pé de uma moita, numa absorção tão profunda que só viu Alípio quando este parou, quase a toca-í-o com os pés. Toda a fisionomia do Neco se decompôs a uma impressão de terror, e, extremamente pálido e a tremer todo, nem teve ânimo de erguer-se para responder a Alípio, que, trêmulo também, lhe perguntou iradamente:

— Que está fazendo aqui?

— Nada... não, senhor...

— Como nada? Por que está sentado aqui? Está aqui há muito tempo?

— Não, senhor...

— Levante-se!

O rapazinho obedeceu.

— Olhe, disse Alípio, contraindo a fisionomia e cravando-lhe os olhos ameaçadoramente: Você vai já dizer por que está aqui ou então...

O Neco fizera um movimento para correr, mas Alípio o havia segurado a tempo pela gola da camisa.

— Dize tudo se não queres que eu dê cabo de ti! gritou ele já seriamente irritado, sacudindo com força o rapazinho.

Este, em vez de responder, começou a chorar medrosamente.

— Mas fala! com todos os diabos.

Afinal o Neco resolveu explicar-se, e, hesitando a cada palavra:  
— Eu ia ver as moças tomarem banho... vi seu doutor ir pra lá, vim esconder-me...

Aquele testemunho do seu delito e a sua confissão de delito igual por parte do moleque produziram no rapaz um mal-estar intolerável.

— Ouve bem: se tu disseres uma só palavra destas coisas, eu te mato com um tiro desta espingarda, compreendeste?

— Sim, senhor.

— Bem, vai-te embora, e pensa bem no que estou dizendo.

Alípio deixou o Neco e seguiu vereda afora, transpôs o riacho um pouco adiante e encaminhou-se para a fazenda, presa de um mau humor, de uma irritação que se opunha a toda a evocação da bela cena que presenciara e com a qual aquele patifezinho se regava diariamente! Ondas de frio e de febre lhe passaram sucessivamente pelo corpo num nervosismo alucinante. E logo o seu espírito supersticioso descobriu naquele acontecimento a punição da ruim ação cometida.

— É castigo! murmurava entre dentes, revoltado contra a fatalidade sempre alerta para fazê-lo expiar os seus desvios.

Ao avistar a vivenda, esforçou-se para acalmar-se, tranqüilizar a si mesmo com a convicção de que o Neco nada diria, não só com medo da ameaça como também por ser culpado da mesma falta. Isto o aliviava por momentos; mas logo a idéia de cumplicidade com tal criatura o exasperava dolorosamente.

— Bravo! lá vem o homem vitorioso, bradou o capitão do alpendre, ao vê-lo aproximar-se.

Aquela voz jovial e amistosa serenou o caçador, que pôde sorrir e achar uma frase jovial também:

— Pronto, capitão! queira espetá-los no dedo e assá-los para o almoço!

— Não há dúvida! Mas sempre custou, hein? Há que tempo ouvimos os tiros! Já o supúnhamos perdido...

— Fui em perseguição dos outros, mas não pude alcançá-los. E, com licença, estou caindo de cansado.

Nos dias que se seguiram, Alípio mostrou-se francamente enamorado por Florzinha, e esta não pôde mais suportar um só instante a insistência dos seus olhares. Asclepiades andava radiante, e para ele, como para todas as pessoas da casa, já não havia mais dúvida sobre a realização dos dois enlaces.

Por mais de uma vez Alípio saiu ainda a caçar pela manhã, e, ao vê-lo passar, o Neco olhava-o de esguelha e sorria-lhe velhacamente pelas costas.

— De que ris, Neco? perguntou-lhe a cozinheira, suspeitosa.

— De nada, respondia o Neco, sorrindo de novo e saindo a assobiar para o terreiro.

## CAPÍTULO XIV

ALÍPIO, forte como nunca, já havia marcado mais de um dia para o seu regresso; mas esse dia chegava sem lhe trazer a resolução de partir. A sua indecisão era logo auxiliada pelas instâncias do capitão Galdino e do Asclepiades: que ia fazer na cidade? Aborrecer-se com as coisas da politicagem e cansar-se no júri, cujas sessões iam começar. Deixasse lá o Pinheiro arranjar-se com essas maçadas. Talvez não fosse prudente dar que fazer já à goela... E Alípio ia ficando. Junho corria; as flores começavam a desaparecer pouco a pouco dos campos. A manjerioba e o mata-pasto vageavam; a temperatura caía sensivelmente, redobrando a amenidade das manhãs, cuja frescura se prolongava até altas horas do dia.

Florzinha andava num alheamento, numa inconsciência dos acontecimentos que haviam determinado a situação presente: a mesma onda que lhe arrebatara o amor de Matias a impelia para Alípio, sem que ela tivesse forças para fugir-lhe, embora não acreditasse muito que fosse amada, nem sentisse que o amava como amara ao outro. E a debater-se, meio vencida, nessa incerteza, cheia de temores, não via uma esperança de amparo senão na promessa de sua mãe ausente. Mas seu coração aflito já não tinha motivos para resistir, ermo como estava do afeto primeiro e sagrado que lhe fugira para abrigar-se no coração da prima. Aproximava-se a partida de Alípio, e a perspectiva de uma declaração formal por parte dele trazia-a num estado de superexcitação febril, numa angústia por vezes intolérável. Que lhe responderia? Ah! bem sentia que a sua resposta seria unicamente lágrimas. E fugia-lhe sempre, obstinadamente, para evitar o temeroso instante.

Alípio, porém, não fez a declaração tão temida por ela e tão suspirada pela família. Na véspera de seguir para Ipuçaba disse em confiança a Luizinha que pediria a mão de Florzinha logo que voltasse da Capital, onde ia tratar de negócios urgentes.

— Salvo que ela me recuse, acrescentou com um sorriso de consulta.

— Ora essa! Não tenha dúvida a esse respeito.

Asclepiades foi informado da confiança, e, embora achesse a promessa pouco decisiva, exultou, crente de que, antes da partida